

BICUDO, M. A. V.; PAULO, R. M. *Um exercício filosófico sobre a pesquisa em Educação Matemática no Brasil*, 2009. Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/trabalhos/30/mariaaparecidalista.html>>. Acesso em: 29 maio 2010.

BOGDAN, R.; BIKLIEN, S. *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

GHIGI, N. A hilética na fenomenologia: a propósito de alguns escritos de Angela Ales Bello. *Memorandum*, Belo Horizonte, n. 4, p. 48-60, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos04/ghigi01.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2010.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. *Naturalistic inquiry*. London: Sage Publications Inc., 1985.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Tradução M. S. Cavalcanti. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

_____. *Heráclito: a origem do pensamento ocidental: lógica: a doutrina heraclítica do lógos*. 2. ed. Tradução M. S. C. Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

HUSSERL, E. *The crisis of European science and transcendental phenomenology*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1970.

KLUTH, V. S. Dos significados da interrogação para a investigação em Educação Matemática. *Bolema*, Rio Claro, ano 14, n. 15, p. 69-82, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. Campinas: Papirus, 1990.

RICOEUR, P. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1978.

ROTH, W. M. *Doing qualitative research — praxis and method*. The Netherlands: Sense Publishers, 2005.

Capítulo 2

Aspectos da pesquisa qualitativa efetuada em uma abordagem fenomenológica*

É importante expor o que compreendemos por “assumir a pesquisa qualitativa em uma abordagem fenomenológica”, antes de apresentar os capítulos que trazem as modalidades anunciadas de pesquisa qualitativa.

Fenomenologia¹ é uma palavra composta pelos termos *fenômeno* mais *lógos*. Fenômeno diz do que se mostra na intuição ou percepção e *lógos* diz do articulado nos atos da consciência em cujo processo organizador a linguagem está presente, tanto como estrutura, quanto como possibilidade de comunicação e, em consequência, de retenção em pro-

* Escrito por Maria Aparecida Viggiani Bicudo, professora titular de Filosofia da Educação da Universidade Estadual Paulista — Unesp, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Unesp-RC, pesquisadora do CNPq.

1. Edmund Husserl é tido como o “criador” da Fenomenologia. Nasceu em Prossnitz, na Morávia, no antigo Império Austríaco (hoje Prostejov, na República Checa), em 8 de abril de 1859, e morreu em Freiburg, em 27 de abril de 1938. A fim de completar seus estudos de Matemática, iniciados nas universidades alemãs, foi, em 1884, para Viena, onde, sob a influência de Franz Brentano, tomou consciência de sua vocação filosófica. Em 1887, Husserl, que fora judeu, converteu-se à Igreja Luterana. Ensinou Filosofia, como livre-docente, em Halle, de 1887 a 1901; em Göttingen, de 1901 a 1918; e, em Freiburg, de 1918 a 1928, quando se aposentou. Na raiz do pensamento de Husserl encontram-se as seguintes influências principais: Franz Brentano e, por seu intermédio, a tradição grega e escolástica; Bolzano, Descartes, Leibniz, o empirismo inglês e o kantismo.

ditos culturais postos à disposição no mundo-vida.² Esse é um parágrafo denso, com muitas informações, mas que apresenta uma síntese de aspectos cruciais à Fenomenologia.³ Vamos procurar tornar as ideias abordadas mais claras.

Ao afirmar que o fenômeno é o que se mostra em um ato de intuição ou de percepção, a Fenomenologia está dizendo que não se trata de um objeto objetivamente posto e dado no mundo exterior ao sujeito e que pode ser observado, manipulado, experimentado, medido, contado por um sujeito observador. Não se trata, portanto, de tomar sujeito e objeto como geneticamente separados no desenrolar do processo de conhecer. Mas está afirmando que fenômeno é o que se mostra no ato de intuição efetuado por um sujeito individualmente contextualizado, que olha em direção ao que se mostra de modo atento e que percebe isso que se mostra nas modalidades pelas quais se dá a ver no próprio solo em que se destaca como figura de um fundo. A figura, delineada como fenômeno e fundo, carregando o *entorno* em que o fenômeno faz sentido.

Temos, assim, que fenômeno e sujeito são correlatos e estão unidos no próprio ato de aparecer. Há um fenomenal não negado pela Fenomenologia, apenas entendido como aquilo a que não temos acesso. Essa afirmação não é nova, na região de inquérito da Filosofia. Kant⁴ já fizera essa importante afirmação, cujo significado se abre em outro contexto

2. Mundo-vida, traduzido da palavra alemã "*Lebenswelt*", ou mundo da vida, como a maioria dos autores de língua latina traduz esse termo, entendido como a espacialidade (modo de sermos no espaço) e a temporalidade (modo de sermos no tempo) em que vivemos com os outros seres humanos e os demais seres vivos e a natureza, bem como com todas as explicações científicas, religiosas e de outras áreas de atividades e de conhecimento humano. Mundo não é um recipiente, uma coisa, mas um espaço que se estende na medida em que as ações são efetuadas e cujo horizonte de compreensão se expande na medida em que o sentido vai se fazendo para cada um nós e para a cultura da comunidade em que estamos inseridos. Ainda neste capítulo voltaremos a expor mais compreensões de mundo-vida.

3. Para maiores informações sobre Fenomenologia, ver Bicudo (2010).

4. Emmanuel Kant nasceu, viveu e morreu em Königsberg, uma cidade da Prússia Oriental (Alemanha). Filho de um comerciante de descendência escocesa, recebeu uma educação pietista. Frequentou a universidade como estudante de Filosofia e Matemática. Dedicou-se ao ensino, vindo a desempenhar as funções de professor na Universidade de Königsberg. Influenciou sobremaneira o pensamento do mundo ocidental e dentre suas principais obras citamos: *Sobre a forma e os princípios do mundo sensível e do inteligível* (1770), *Prolegômenos a toda a metafísica futura* (1783), *A religião nos li-*

filosófico, com diferenças marcantes em relação à concepção fenomenológica e que não será aqui tratada, dado o alvo deste capítulo, neste livro. Voltando à Fenomenologia, o fenomenal, ao ser iluminado pelo olhar intencional⁵ daquele que olha, já é fenômeno, isto é, já está enlaçado pela percepção. Esse o sentido de afirmar-se que, para a Fenomenologia, nada há fora da consciência, mas que esta tudo abrange. Portanto, diferentemente da concepção cartesiana que entende ser a realidade exterior criada pelo ego pensante⁶, segundo a qual a realidade primeira é o *eu que pensa* realidades verdadeiras, pois pensantes e extensas, sustentadoras do edifício do conhecimento científico, a fenomenológica diz tão somente que a realidade mundana é constituída na percepção do fenomenal e a partir dela. Portanto, vivemos e construímos conhecimentos científicos, filosóficos, artísticos, religiosos etc. nessa realidade. Mais que isso, diz-nos que a percepção, ato em que se dá o encontro ver/visto,⁷ não é fantasiosa, criada imaginativamente na esfera psicológica do sujeito que percebe, mas que se dá no encontro com o visto, o fenômeno, que se doa em aspectos passíveis de serem vistos na perspectiva daquele que a ele se dirige atentivamente, isto é, conscientemente.

A percepção é, para falar psicologicamente, o vivido que temos quando, por exemplo, vemos uma árvore, 'porque sob nossos olhos tem-se uma árvore' com os lados aparentemente determinados. Não são sensações que

mites da simples razão, crítica da razão pura (1781, 1. ed.; 1787, 2. ed.), *Fundamentação metafísica dos costumes* (1785), *Crítica da razão prática* (1788), *Crítica da faculdade de julgar* (1790).

5. Intencionalidade, modo de ser intencional, é característica da consciência. Consciência é compreendida como movimento intencional, efetuado pelo corpo-encarnado, ao ir de modo atento em direção ao focado como figura destacada do fundo, totalidade em que sempre estamos com os outros.

6. Concepção esta presente na obra de muitos filósofos, destacando-se Descartes. René Descartes nasceu em 31 de março de 1596 em La Haye, na província de Touraine e morreu em 11 de fevereiro de 1650, em Estocolmo. O cerne do seu pensamento pode ser explicitado por sua famosa frase em latim: *Cogito, ergo sum*. Apresenta e defende a doutrina do dualismo corpo/mente. Escreveu o *Discurso sobre o método*, importante obra para o pensamento ocidental, científico e filosófico.

7. Este par pode ser entendido como o conhecido par noesis/noema mencionado por Husserl em suas diferentes obras. Noese refere-se ao ato intencional; noema ao que é enlaçado por esse ato. Por exemplo, tem-se uma árvore. Ver a árvore é um ato da consciência, portanto intencional. Trata-se da noesis. O visto, a árvore, do noema.

vemos, não é sobre estas que nossa atenção, nossa crença perceptiva, nossas objetivações aperceptivas são dirigidas. E, portanto, são conscientes (Husserl, 1998, p. 285).

É na percepção que a verdade do existente, enquanto tal, mostra-se a nós como presença. Não duvidamos do percebido na percepção. Essa afirmação é efetuada por Merleau-Ponty (1990) e nós a compreendemos como ausência de dúvida sobre o percebido, no momento em que a percepção se dá, ou seja, *no agora*. No fluxo das vivências, o enlaçado nesse ato solicita outros atos cognitivos, articuladores e de comunicação a serem efetuados pela consciência, avançando com o processo de constituição e de produção do conhecimento. Esses atos ocorrem na subjetividade do sujeito, na esfera da consciência, e podem se dar mais nas dimensões psicológica, cognitiva e espiritual.⁸ Entretanto, não são estritamente subjetivos, uma vez que a percepção já enlaçou também o percebido e seu entorno. Isso quer dizer que figura e fundo foram abarcados e, assim, também foram abarcados os cossujeitos com quem se está no mundo naquele contexto e respectivos modos de expressão, bem como produtos culturais e suas formas de materialização, outros seres vivos e da natureza em geral. Há, sim, um trabalho cognitivo, julgador, de articulação e expressão efetuado subjetivamente. Mas é uma subjetividade em que o mundo e sua estrutura já estão presentes, ainda que não de modo determinístico, o que significa que ao sujeito competem atos criadores, tomando o estruturante e indo além, inovando com formas, cores, vibrações etc., expressões possíveis do sentido percebido e articulado, lançando-as mediante materializações disponibilizadas pelos produtos culturais.

Destacamos, no acima exposto, o fluxo de vivências que nos diz do vivido, ou seja, do experienciado no próprio processo de efetivação dos atos perceptivos. São as denominadas *Erlebnisses*, substantivo derivado do verbo *Erleben*, cujo significado, com o sentido de vivência, como modo de a realidade existir para um sujeito, foi elaborado, com pormenores,

8. Husserl fala de dimensões da pessoa em termos de corpo, de psíquico e de espiritual, porém todas são encarnadas, ou seja, materializadas nisso que denomina corpo-encarnado, denominado também como corpo-próprio.

por Dilthey.⁹ Para esse autor “a vivência é um ser qualitativo, uma realidade que não pode ser definida pela captação interior, mas que alcança também o que não se possui indiscriminadamente” (Amora, 2001). A vivência não é entendida como algo dado, pois somos nós que penetramos no interior dela e que a experienciamos de maneira imediata. O significado explicitado diz do sentido de experiência vivida, dizendo, com isso, do contato imediato com a vida, não se tratando de um conteúdo de experiência, mas do ato de vivê-la. No momento em que a experiência ocorre ela não é ainda refletida. Porém, pode se tornar foco sobre a qual a reflexão se volta, abrindo, no fluxo do vivido, momentos de tomar ciência do vivenciado. Essa é a característica das *Erlebnisses*: experiências refletidas. Portanto, diferentemente da experiência empírica, que é tomada na sua objetividade pragmática e observada de um lugar externo ao seu processo, a vivência, ou o experienciado, é percebida e refletida no fluxo dos atos da consciência.

Entretanto, a experiência, assim compreendida, não se fecha no âmbito da psicologia individual, porém se abre, por ser geneticamente ligada, à esfera do psicossocial. Isso porque sua estrutura é hermenêutica e, em virtude disso, ela se autointerpreta e dá-se à interpretação. Conforme Dilthey (1992), ela é a própria vida reduzida às suas expressões diminutas e, ao mesmo tempo, imersa no horizonte, solo da comunidade de vivências, realidade histórico-social. É nesse sentido que ela se constitui realidade epistemológica. Ao estar dimensionada no solo em que valores, significados, expressões, ideias e ideais são apreciados em uma comunidade de indivíduos, sua origem está também vinculada ao extraindividual.

9. Wilhelm Dilthey nasceu em 19 de novembro de 1833 e morreu em 1º de outubro de 1911. Foi um filósofo, psicólogo e pedagogo alemão. Ocupou a cátedra de Filosofia da Universidade de Berlim. Dedicou-se a instituir a região de inquérito das Ciências do Espírito como diferente daquela das Ciências da Natureza, por entender que os métodos empregados por estas em suas investigações não se aplicavam à História, ao Direito e à Arte. Afirmava que as Ciências Humanas deviam procurar compreender os fenômenos humanos, objeto do seu estudo, que implicava partir sempre da realidade histórica. Seus estudos estão na base da hermenêutica contemporânea. De relevância para a pesquisa qualitativa é o sentido de *Erlebnis* que elabora nas muitas de suas obras, entre as quais citamos aqui, como referência, *Teoria das concepções do mundo* (Dilthey, 2001) e *Psicologia e compreensão* (Dilthey, 2002).

Temos, desse modo, que a experiência vivida não diz de uma realidade meramente subjetiva, pois é experiência do que está lá para nós em um campo onde mundo e experiência que dele temos são dados em um movimento de conexão e articulação e não isoladamente. Ainda, a experiência tem uma duração. A unidade de sentido se estende enlaçando tanto a recolha e a reunião do passado vivido, como a antecipação do futuro no contexto total de significado. Passado e futuro estão presentes à experiência, constituindo um horizonte que acolhe a interpretação.

Esse é o sentido que *Erlebniss* apresenta na Fenomenologia, notadamente a husserliana e de seus seguidores. Esse sentido permite-nos compreender o solo em que se dão as experiências pré-predicativas as quais são passíveis de nos serem dadas ao conhecimento apenas por intermédio da linguagem. Esta, em suas nuances, expõe a experiência vivida, quer seja por meio da fala do corpo-próprio, quer seja por meio de desenhos, sons, palavras. As expressões trazem consigo um mundo de significados que armazenam aqueles já expressos, uma vez que as palavras pronunciadas trazem a historicidade do falado que expressa camadas de sentidos. Há, nesse movimento, a presença do sujeito — ego-individual — que vive a experiência e a expressa; mas há também o outro presente na comunidade imediata e na historicidade da própria linguagem daquele que expressa. Expõe-se, então, a crueza do limiar *linguagem/mundo*, cuja complexidade se amplifica, conforme entendemos, porque desse limiar também faz parte a experiência do fenomenal. Experiência essa que é individual, mas que *ao estar-se-no-mundo-com* oferece possibilidade de eclodir o espanto da constatação de que ao indivíduo nunca é dada a possibilidade de ser tão somente ego-sujeito, mas que em sua própria subjetividade carrega o outro e o mundo, inclusive na medida em que no próprio movimento de sua constituição *outro e mundo* já fazem parte. Traz o espanto de constatar que, na experiência primeira — que talvez seja apenas assim denominada por força da vontade de compreendermos a constituição do conhecimento pessoal — à qual somos fadados a não chegar, estão os atos cognitivos, os racionais e o germen de toda a idealização. Donde a experiência vivida constituir-se como nexos da experiência homem-mundo, portando em seu cerne a subjetividade daquele que

experiência, o outro, constituído na intersubjetividade e o mundo da linguagem, que permite avançar nos processos de idealização.

A realidade histórico-social trabalhada por Dilthey vai ganhando, na historicidade da obra de Husserl, conotações mais específicas, de modo a ser compreendida e denominada como *Lebenswelt*, que traduzimos como *mundo-vida*. Essa é uma ideia nuclear no pensar fenomenológico, ainda que apenas tenha sido mencionada desse modo na década de 1930, nos últimos escritos de Edmund Husserl. Especificamente no *Crisis* (Husserl, 1970), o termo *Lebenswelt* comparece, assim como a preocupação desse autor com o mundo, com a linguagem, com a história. Na parte III dessa obra Husserl faz uma *epoché*¹⁰ do *Lebenswelt*, com o propósito de esclarecer sua constituição, bem como retomar sua preocupação constante, concernente ao modo de ser da ciência europeia da época moderna.

O sentido que mundo-vida faz para nós é o da supremacia da totalidade dessa expressão, que se mostra como um *mundo* que tem *vida*. Esse sentido se faz valer à medida que olhamos atentamente para o mundo e buscamos compreendê-lo com sua força, impondo-se e tudo abarcando, ao modo de um caldo grosso que vai se alastrando, cobrindo o que aí está, ao mesmo tempo em que se engrossa e nutre disso que aí está. É um mundo vivo. Portanto mutante, temporalizado, espacializado. Assim o sentido que faz para nós é o de um mundo que é vida, onde estamos umbilicalmente ligados, nutrindo-o e sendo por ele nutrido.

Falar do mundo como sendo um real vivido é assumir, concomitantemente, duas teses.

Primeira tese: é afirmar uma oposição a qualquer concepção centralizada em qualquer teoria que sustente a explicação da existência de dados sensoriais pontuais e sem sentido, se tomados em si. É assumir que o ato de ouvir sempre ouvirá sons, já conhecidos ou inéditos para aquele que

10. Epoché, também chamada de redução ou ato de colocar em evidência o foco de investigação, visando a destacar o que está sendo interrogado, de maneira que os atos da consciência constitutivos da geração de conhecimento sejam expostos. Esse procedimento envolve o "dar-se conta" daquilo que se está fazendo, de modo que a redução se torna transcendental, denominada, então, de fenomenológica.

ouve; que o ato de ver sempre verá luz ou a ausência dela. Desse modo, atos da consciência que se dirigem diretamente ao que é, abrem horizontes para a compreensão do real como se mostra à percepção sensível, tomada em seu caráter intuitivo e direto. Essa ação é indicada pelo verbo *noeîn*¹¹ e sua substantivação *nóos*, vocábulo que, na língua grega, expressava cognição intuitiva e direta. Na cultura pré-socrática e na cultura épica esse significado se modifica sem perder esse aspecto preponderante de intuição direta, e se amplia com Parmênides, que entende que o *nóos* também opera como raciocínio lógico. O significado de *noeîn-nóos* se tornou mais complexo e agora diz do contato direto com o real último, isto é, a pureza da doação do que se mostra à intuição (percepção) sensível e pensamento discursivo que argumenta com base em juízos promulgados. Deparamo-nos, assim, com o significado que, historicamente, na civilização ocidental, temos atribuído a conhecimento.

A Fenomenologia destaca os significados de *noeîn* e *nóos* e, no que se refere a esta primeira tese, dá maior importância aos significados pré-socráticos, para dizer do conhecimento pré-reflexivo do mundo-vida. Toma a ação indicada em *noeîn* como a que *descobre, desnuda, revela* e que nunca oculta. Desnuda a harmonia e simplicidade presentes em uma estrutura do real vivido. Reconhece, com esse entendimento, que é impossível efetuar distinção entre dados sensoriais sem significado e atos que atribuem significado. Entende que a percepção nunca é instantânea, pontual, isolada, mas que dura no fluxo do tempo, juntamente com outros fluxos de consciência, evidenciando que o percebido não é um estímulo isolado, mas sempre está mergulhado em uma amplitude.

Segunda tese: é afirmar a primazia da experiência vivida e a aceitação do mundo-vida como experienciado. Esta tese afirma que o mundo-vida não é colocado em dúvida, mas é assumido em sua complexidade como o que aí está, envolvendo aquele que efetua a experiência, percebendo-a, ou seja, dando-se conta dela. Como correlato desta tese, afirma que o conhecimento do mundo não é apenas uma construção lógica, mas que essa construção está sustentada na experiência vivida, ainda que esta não

11. A exposição sobre *noeîn* e *nóos* apresentada tem como referência Silva (2010)

dê conta da complexidade do conhecimento, como indicado já por Parmênides ao explicitar os significados de *noeîn* e *nóos*.

As investigações que efetuamos segundo uma abordagem fenomenológica, como costumamos nos referir aos procedimentos que temos desenvolvidos no âmbito do FEM, porém junto a outros pesquisadores que desde a década de 1970/1980 têm trabalhado à luz das orientações de Joel Martins,¹² assumem a primazia das vivências e com ela a da percepção, a duração desses atos vivenciais, as questões específicas concernentes à expressão do articulado nos atos da consciência mediante a linguagem, em suas diferentes nuances, incluindo aquela do corpo-próprio que revela as experiências pré-predicativas, bem como seus aspectos estruturantes e comunicacionais, a historicidade totalizante do mundo-vida abrangendo a vida de cada um de nós individualmente e todos, interligadamente, mostrando-se como o solo de todo conhecimento humano: científico, artístico, religioso e práticas da vida social.

Isso não quer dizer que em cada investigação todos esses aspectos são tematizados, mas tão somente que essas concepções constituem o solo em que nos locomovemos e que sustenta o sentido das análises e interpretações que efetuamos. Nós tomamos esse solo como pano de fundo e não como um quadro teórico e metodológico que aprioristicamente explica o mundo e responde às perguntas a ele dirigidas.

Conforme nossa compreensão, o caráter qualitativo da pesquisa assim efetuada advém das vivências percebidas e expressas, as quais carregam consigo, já em sua estrutura, a hermenêutica, na medida em

12. Joel Martins, educador brasileiro, nascido em 27 de março de 1920 e falecido em 2 de maio de 1993. Na década de 1980 iniciou uma longa caminhada ensinando temas pertinentes à região de inquérito da Psicologia e da Educação a alunos do curso de pós-graduação em Psicologia da Educação e Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e de Educação da Universidade Estadual de Campinas, abordando autores fenomenólogos, principalmente Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. Orientou mais de centena de dissertações de mestrado e teses de doutorado. Juntamente com autores norte-americanos, como Amedeo Giorgio, criou modos fenomenológicos de efetuar pesquisa. No contexto internacional em que a pesquisa qualitativa vai se impondo, passa a denominar esses modos de proceder de pesquisa qualitativa segundo abordagem fenomenológica. Em conjunto com pesquisadores que com ele trabalhavam e alunos de programas de pós-graduação cria a Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos — SE&PQ (<www.sepq.org.br>) — em 1989. Para mais informações sobre esse educador ler Bicudo e Espósito (2002)

que se autointerpreta e dá-se, pela linguagem, à interpretação. Por serem duradouras, ou seja, por transcorrerem em um contínuo de momentos duradouros, elas se expandem em possibilidades históricas as quais se materializam na temporalidade, espacialidade e dinamismo do mundo-vida, com o qual somos.

A linguagem expressa as experiências vividas em diferentes momentos de sua articulação: como compreensão pré-predicativa expressa mediante linguagem do corpo-próprio, por maneiras espontâneas, não suficientemente articuladas de a pessoa se expor por meio de desenhos, manifestações artísticas etc.; como discurso articulado, expresso em linguagem predicativa, quer seja a falada em ambientes históricos culturais específicos, quer seja a científica, musical etc.

Conforme nossa compreensão, as vivências nos são dadas pelas expressões daquele que as experiencia e por isso a descrição torna-se ponto chave da pesquisa qualitativa fenomenologicamente conduzida.

A descrição, como o significado da própria palavra, descreve, diz do ocorrido como percebido. Não traz julgamentos interpretativos. Pode ser uma descrição efetuada pelo próprio sujeito que vivencia a experiência, relatando-a em suas nuances. Pode ser um relato do pesquisador que, estando junto à situação em que as vivências se dão e com o sujeito que as vivencia, descreve aquilo por ele visto, isto é, percebido. É importante que destaquemos que não se trata de o pesquisador dizer *foi assim*, mas *conforme percebi, ocorreu de tal modo*. A descrição é sempre explicitada pela linguagem e é por isso que solicita análise e interpretação efetuadas com o auxílio dos recursos hermenêuticos.

Conforme já explicitado no primeiro capítulo, a interrogação que expressa a perplexidade do pesquisador orienta os passos a serem dados em busca da compreensão e explicitação do compreendido e interpretado. Se a interrogação pergunta pelo *o que é isso que...*, o olhar recai sobre os aspectos ontológicos, solicitando a investigação de estruturantes do fenômeno. Se pergunta pelo *como essas vivências ocorrem ou como se dá o tempo vivido em tal e tal contexto a respeito de tal e tal vivência*, solicita que se investigue modos pelos quais sujeitos contextualizados vivenciam suas experiências, por exemplo, de amor, de ódio, de aprendizagem etc. Se per-

gunta pelo dito em textos que expressam discursos já articulados sobre temas específicos, a busca recai na interpretação hermenêutica, com foco nos aspectos culturais e históricos. Se a interrogação se dirige ao modo pelo qual ideias específicas tidas como historicamente significativas e afetas a uma região de inquérito foram geneticamente constituídas, então a investigação solicita um trabalho de cunho histórico. Se recai sobre contextos socialmente estruturados e respectivos modos de funcionamento, a análise solicita um trabalho de fundo sociológico. E assim se constitui o pensamento, tendo-se como indicador, do caminho a ser trilhado, a interrogação.

Podemos ver que as possibilidades de investigação não se esgotaram, nem poderíamos ter a pretensão de darmos conta de todas, tanto pela abrangência, como, e primordialmente, pelo próprio caráter de acontecimento dinâmico e complexo do mundo-vida. Porém, tentamos expor modos de nossa compreensão e procedimentos investigativos. Acrescentamos, a essa diversidade, aquela de buscar escolher os sujeitos significativos, tendo em vista a interrogação formulada, bem como os modos pelos quais são registradas as expressões das vivências. Podem ser depoimentos escritos pelos sujeitos, descrições efetuadas pelo pesquisador em *cadernos de campo*, gravações de voz, vídeos, por exemplo. Podem ser textos significativos. Cada modalidade solicita procedimentos específicos que vão se mostrando importantes conforme o avanço da própria pesquisa. Aqui também, o pesquisador está junto com a pesquisa, em processo de realização, tomando consciência e refletindo passo a passo, junto com seus colegas, o significado do efetuado olhado da perspectiva da interrogação e na dimensão do mundo-vida.

Referências bibliográficas

AMORA, F. J. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Loyola, 2001.

BICUDO, M. A. V. (Org.) *Filosofia da Educação Matemática — fenomenologia, concepções, possibilidades didático-pedagógicas*. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

BICUDO, M. A. V.; ESPÓSITO, V. H. C. Joel Martins. A coragem de ser educador. In: GARCIA, W. E. (Org.). *Educadores brasileiros do século XX*. Brasília: Editora Plano, 2002. p. 173-200, v. 1.

DILTHEY, W. *Psicologia e compreensão*. Lisboa: Edições 70, 2002.

_____. *Teoria das concepções do mundo*. Lisboa: Edições 70, 2001.

HUSSERL, E. *Introduction à la logique et à la théorie de la connaissance*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1998.

_____. *The crisis of European science and Transcendental Philosophis*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1970.

MERLEAU-PONTY, M. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. Campinas: Papirus, 1990.

SILVA, José Lourenço Pereira. Sobre o conceito de *noêin* em Parmênides. *Dissertatio*, Pelotas/RS, n. 32, p. 177-191, verão 2010. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/isp/dissertatio/revistas/32/09.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2011.

Capítulo 3

Pesquisa qualitativa fenomenológica: interrogação, descrição e modalidades de análises*

Efetuar uma pesquisa que assuma a concepção de realidade e de conhecimento fenomenológica e, mais do que isso, proceder fenomenologicamente, ou seja, efetuando o próprio movimento de trabalhar com sentidos e significados que não se dão em si, mas que vão se constituindo e se mostrando em diferentes modos, de acordo com a perspectiva do olhar e na temporalidade histórica de suas durações e respectivas expressões mediadas pela linguagem e por ela transportadas, é um grande desafio.

Deparamo-nos com esse desafio logo ao nos colocarmos frente à interrogação que nos move, buscando expressá-la em uma linguagem proposicional que diga de nossa perplexidade. Esse é um momento importante para o pesquisador que, ao estar junto com seu grupo de pesquisa, vive as idas e vindas das incertezas e certezas já aludidas em capí-

* Escrito por Maria Aparecida Viggiani Bicudo, professora Titular de Filosofia da Educação da Universidade Estadual Paulista — Unesp, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Unesp-RC, pesquisadora do CNPq.